

## OS JOGOS INTERNOS

Lino Castellani Filho

... Uma olhadela para a "fo<sub>l</sub>h<sub>in</sub>ha" pendurada na parede foi o bastante para que aquela sensação de "frio<sub>z</sub>inho na barriga" se manifestasse. A tensão era grande. Durante meses, todas as atividades desenvolvidas na Educação Física giraram em torno dos preparativos para a competição que, agora, se avizinhava.

Como que num piscar d'olhos, vieram à cabeça de Marcos cenas daqueles dias. Logo cedo, o correr na busca de um melhor condicionamento físico. Depois, e isso se repetiu por intermináveis dias, horas a fio - o trabalho com a bola, na busca do aprimoramento técnico. Interessante, refletia ele, como o "jogar bola", de que ele tanto gostava, havia se tornado ao longo daqueles dias, algo maçante, chato, mesmo. O prazer de brincar com a bola, acariciá-la com os pés, cabeça, peito havia cedido espaço à repetição exaustiva, mecânica, de "chutes a gol" na busca de um rendimento, de uma melhor "performance", que o fazia sentir-se como uma máquina, sem emoções, robotizando seus movimentos, estereotipando-se, vinculando-os aos padrões "normais", cerceando sua capacidade de movimentar-se livre e criativamente.

Algo o incomodava. Não sabia bem o quê. Apenas sentia ser alguma coisa relacionada com a tristeza presente no olhar de Carlos, ansioso por jogar, mas que, por não o saber, não havia encontrado um lugar na equipe e, assim, como

maioria, buscava conformar-se em ser mero expectador.

Mas ainda não era tudo. Incomodava-o também a sensação de participar de uma competição promovida na e pela sua escola sem conhecer sequer os procedimentos adotados em sua organização. Era como se o vissem incapaz de organizar alguma coisa.

- Por que, pensava ele, nos nossos Jogos, não pude envolver-me, em nenhum momento, com seus preparativos, apenas cabendo-me o papel de ... treinar, treinar, treinar, como que se todo o resto não me dissesse respeito? Ah! Que bom seria se ... e assim pensando, adormeceu... E sonhou...

... Sonhou que todos na Escola estavam não só se preparando para os Jogos, mas também - e com que alegria - preparando os Jogos.

Prá começar na primeira reunião, convocada por ele mesmo para debaterem o assunto, tinham decidido que naqueles Jogos todos os alunos jogariam. Trataram, pois, de encontrar uma maneira de concretizarem tal intenção, de forma a preservar o prazer de jogar tanto para aquele que o sabia fazer bem, quanto para aquele que o fazia mal, passando inclusive pelos que faziam mais ou menos.

- Ora, mas eu só sou bom em futebol. Não sei jogar voleibol muito bem e no basquete então, mal consigo caminhar na quadra, falou Raimundo, o "Mundinho", questionando a viabilidade de concretização da decisão.

- Pois então, disse Ribamar, o "Ribinha", você ensina Futebol prá quem tiver dificuldade em praticá-lo e por sua vez outros ensinam a jogar o vôlei e o basquete! Afinal, concluiu ele, é de interesse da turma que todos se saiam bem, pois será o esforço de todos que suscitará o sucesso

de nossa turma, não é pessoal?

E assim ficou combinado. E após essa definição, fazia-se necessário encontrar um sistema de competição que melhor se coadunasse com o quadro existente: instalações esportivas, material esportivo, quantidade de dias existentes para a competição, número de equipes participantes...

- Puxa! Exclamou Marcos. Quanta coisa prá resolver! Mas o engraçado era que, apesar de saber ter pela frente muito a fazer, sentia-se bem disposto. Aqueles eram realmente os seus Jogos! Os Jogos de todos da Escola! Sim, porque era evidente que a presença dos professores também era necessária, pois havia muitos conhecimentos de ordem técnica que eles desconheciam. Sistemas de competição, por exemplo. Mas se era verdade que não os conheciam, também o era que eram capazes de passarem a conhecê-los.

- Incrível! Pensou Marcos, como é gratificante saber-se capaz!

E tinha mais... De repente era-lhe clara a possibilidade de redefinirem as regras do jogo. Elas não eram "ad eternum", pô! Eles poderiam elaborar outras que mais se enquadrassem àquela competição. Por que não?

E mais... Tinham que se decidir pela sistemática de arbitragem dos jogos e... ora, mas quem diria que isso pudesse ser possível? - até checar a hipótese de não ter juízes! - Quem estiver jogando assume o compromisso de respeitar as regras do jogo, às quais ajudaram a elaborar, falou Carlos, aquele mesmo que estava triste por ter apenas que contentar-se em assistir aos Jogos...

- Puxa vida!! gritou Pedro, não conseguindo conter seu entusiasmo, nunca poderia imaginar que

prá organizarem "Jogos Internos" era preciso fazer tanta coisa!

- Mas nós vamos fazê-lo, pessoal! disse, por sua vez, Marcos.

... E foi assim, maravilhado com aquela constatação, que ele despertou...

... Aqueles Jogos correram conforme o previsto. Por isso, ninguém conseguia entender aquele sorriso que Marcos trazia em seus lábios, dando a seu rosto uma feição de felicidade "injustificável".

É que somente ele sabia que aqueles tinham sido os últimos "Jogos Internos" realizados daquela maneira !!!

\* \* \*

- O QUE VOCÊ PENSA NA REALIDADE ENFRENTADA POR MARCOS E CARLOS?
- COMO VOCÊ ENCARA O SONHO DE MARCOS? QUAL A POSSIBILIDADE DE TORNÁ-LO UMA REALIDADE NA SUA ESCOLA?
- QUAIS AS ALTERAÇÕES POSSÍVEIS DE SEREM REALIZADAS NOS "JOGOS INTERNOS" NA SUA ESCOLA?

## A DECEPÇÃO

Iranildes Batista Gois

João morava em uma casa na periferia de nossa cidade. Seu pai era pedreiro e sua mãe lavava roupas "para fora".

Chegou a idade de João ir matricular-se na escola. Matriculou-se e vieram as exigências de livros, uniforme e uma série de outras exigências.

Para João foi uma alegria incrível quando lhe falaram que

ele faria Educação Física. Chegou o momento tão esperado, o Professor teria ido avisar que na segunda-feira seguinte começariam as aulas para todas as turmas.

João, quase não dormiu durante o final de semana, pensando como seria a sua primeira aula de Educação Física.

E chegou o dia!

Como ele morava muito distante e tratava-se de final de mês, seu pai não lhe dera o dinheiro para a condução. Resultado: João foi à aula caminhando. Por que não queria perder seu primeiro dia, caminhou quase que uma hora para chegar à sua escola. Chegando lá, já atrasado, suado e com um palmo de língua para fora, seguiu até o Professor para dar-lhe uma explicação, este nem lhe deixou abrir a boca e mandou que ele acompanhasse os colegas na corrida que seria feita durante quinze minutos seguidos. João que já chegara à aula cansado, não aguentou nem cinco minutos e sentiu-se mal. Pediu ao Professor para parar e este grosseiramente lhe respondeu que ali não era lugar para molengos e que ele continuasse a correr. João, sem aguentar, desmaiou logo em seguida, sendo socorrido pelos colegas.

E daquela primeira experiência, veio a frustração e o desânimo para faltar a todas as demais aulas com aquele professor.

## A DISCRIMINAÇÃO

Marcia Barros Candia

Na escola da Tia Vilma estavam davam meninos e meninas, gordinhos e magrinhos, de diferentes

idades. Esta escola era de 1º grau, de 1ª à 4ª série, situava-se na zona norte da capital e atendia a uma comunidade carente. Havia Professores polivalentes, que ensinavam Português, Matemática, Estudos Sociais, etc... Dentro as disciplinas lecionadas existia a Educação Física, que era ministrada pelo Professor Pedro.

As aulas de Educação Física eram bem motivadas, pois Pedro era um sujeito amigo, e compreensivo com os seus alunos. Sempre ao começar as aulas ele cantava, brincava e assim conquistava a colaboração de quase todos da turma.

Certa vez, ao ministrar uma das aulas da 2ª série "A", uma turma heterogênea, composta por crianças grandes e pequenas, de meninos e meninas, Pedro passou uma atividade: - Atenção, vamos nos dividir em duas colunas, para formarmos duas equipes.

E assim a turma o fez. Formaram-se duas equipes mistas, com posta cada uma delas de quinze alunos. Pedro, após organizar as equipes, colocou-as em um determinado ponto da quadra, colocou duas marcas no chão e começou a explicar a atividade:

- o primeiro de cada coluna deverá correr, contornar aquela marca, voltar, bater na mão do companheiro da frente da fila e em seguida ir para o final da mesma e assim sucessivamente. Ganhará a equipe que primeiro conseguir fazer com que todos os seus componentes tenham realizado a atividade.

Existia nesta turma um menino chamado Chico. Ele deveria ter mais ou menos uns 08 anos de idade. Chico se diferenciava dos demais colegas por ser um pouco gordinho e grande para sua idade.

Isto fazia com que, durante as aulas de Educação Física, Chico fosse discriminado pelos colegas. Todos achavam que ele não teria condições de executar as atividades estipuladas pelo Professor, e o eliminavam colocando-o sempre para trás. E isto deixava Chico desmotivado e triste com as aulas de Educação Física. Ele até que se esforçava para fazer as coisas certas, mas por um mínimo erro seus colegas logo o recriminavam. O Professor Pedro assistia a tudo isso sem mesmo tomar nenhuma providência.

Com o passar do tempo Pedro começou a ficar mais atento para aquele tipo de discriminação existente na sua aula, e passou a refletir a respeito daquele problema e enfim parecia ter encontrado a solução.

A aula seguinte da 2ª "A", Pedro a iniciou como de costume, sempre alegre e ordenou que a turma se dividisse em duas equipes, chamou Chico e o colocou na frente de uma das colunas: ele iria começar a brincadeira. Apesar de algumas reclamações da turma, que não queria que Chico começasse a brincadeira, Pedro manteve o que disse. O Professor tentou conscientizar a turma de que o importante é a participação de todos, independentemente de serem os melhores ou os piores, e que Chico era igual a qualquer outro. Isso fez que desaparecesse da turma aquela discriminação com relação ao Chico, tornando-os mais amigos e solidários.

## A LIBERDADE NÃO É...

Silvan Silva de Araujo

Certa vez, em algum lugar do nosso planeta, existiu um belo lugar onde poderiam se encontrar

bosques, águas cristalinas e muita mata verde, além de todas as espécies animais. Aquela região logo foi descoberta e explorada por pioneiros em busca de uma vida com melhores condições e com muita "harmonia", ou seja, onde todas as necessidades básicas fossem supridas com facilidade e abundância.

A partir de então, as terras foram sendo divididas entre as famílias, porém, respeitando as proporções exatas: para grupos maiores áreas maiores e vice-versa. E as terras foram sendo cultivadas com o plantio de mais árvores, diversas culturas agrícolas e, o que era de se esperar, o aprisionamento e criação de várias espécies animais, quais sejam, porcos, vacas, cavalos, etc.

Diante de tanta prosperidade só restava trabalhar sempre e colher os frutos deste trabalho sem maiores preocupações. Vê-se que trabalho era o que mais se exercia, sendo cada componente com a sua atividade hierarquicamente dividida entre homens, mulheres e crianças e animais. Animais? Bem, este era o único grupo que pegava duro no "batente" (no sentido real da palavra), chegando até em certas ocasiões a pagar com a própria vida, a fim de satisfazer os exágeros dos Amos (homens).

Para ser mais claro, as vidas destes nossos "companheiros" se restringiam a nascer, crescer (subalimentando-se), puxar arados, transportar mercadorias e quando não, serem degolados e transformados em banquetes esbanjadores, de certo modo, até desnecessários, considerando-se a fartura da região em vegetais e frutas.

Porém, certa noite, pôde-se notar as pocilgas e os currais completamente vazios; o que teria acontecido? Ah! esqueci do celei

ro, e era lá onde estavam todos os "NOSSOS AMIGOS", unidos. Nos tempos atuais indagar-se-ia o seguinte: Qual seria a pauta de tão secreta assembléia? E a resposta soou alto e arrogante da voz de um imenso porco, que dizia: "Os dias de sofrimento e escravidão estão por findar-se". Ora, que eles chegassem a falar, tudo bem, incrível foi o poder de se organizarem para uma revolução. Exato, e nesta encontravam-se inclusive facções moderadoras; foi quando entrou um cavalo, idoso, que dizia já ter participado de movimentos anteriores e não aprovara os resultados obtidos. Explicou ele: "É preciso nos conscientizarmos de que a liberdade não é o poder de revoltar-se. A revolta é uma etapa não isolada na conquista da Liberdade, e esta confusão poderá dar a todos nós um ilusório senso de independência".

Aquelas lindas e verdadeiras palavras não conseguiram atenuar a ira dos animais, os quais fizeram uma corrente só, por todas as fazendas.

Depois de várias negociações com seus Amos, reivindicaram melhor alimentação, trabalhos mais leves e maior respeito à vida, e de não terem sido atendidos, os bichos revoltaram-se, destruindo todas as casas, plantações e tudo que viam pela frente, despejando ódios, ressentimentos e ansiedade por melhores condições de vida. Apenas o cavalo (aquele idoso) não encontrou forças para lutar junto aos seus semelhantes, e procurou refugiar-se longe dali.

Passados alguns meses, o Sr. cavalo resolveu visitar seus antigos amigos. Chegando ao local, constatou uma cena inesperada: lá ele pôde observar as fazendas divididas de acordo com as famílias dos bichos, que se acostumaram a falar a língua humana, usar rou-

pas, sapatos, etc. Porém, o que mais refletia todo o seu medo e a razão de sua previsão, foi ter presenciado os homens trabalhando servilmente para os bichos.

MORAL:

LIBERDADE NÃO É libertinagem; onde não existe um planejamento fundamentado, para impor novos padrões de conduta e uma nova estrutura de vida, mas, abertura, disposição para evoluir, recuperar importantes valores humanos (cooperação, co-educação, igualdade), desligando valores ultrapassados, assistencialistas e negativistas (todas as formas de autoritarismo, por ex: fascismo, nazismo, escravismo e racismo).

## ILUSÃO DE UM ALUNO

Edna Cristina Andrade Viana

Ana Maria estudou muito para o vestibular, para que pudesse realizar o seu sonho, que era ingressar na Universidade, no curso de Medicina Desportiva. Ao fazê-lo, muito animada, já tinha ouvido falar do tal método de ensino humanista, onde o aluno não é tão massacrado, oprimido, etc... e onde se podia dar opinião sobre mudanças nas aulas. Então Ana Maria ingressou na Universidade cheia de idéias sobre o que fazer para mudar o currículo. Chegou o dia tão sonhado de ir à Universidade para assistir às aulas e poder dar opiniões para melhorar o currículo e também o tipo de ensino, mas que decepção! Apesar de o professor de Anatomia dizer que defendia essa teoria, não fazia. Diz o professor no primeiro dia de aula:

- vocês podem dar opiniões e fazer perguntas sobre o assunto e

queria que vocês trouxessem em um papel algumas coisas que vocês esperam deste curso e desta disciplina, que nós vamos ver o que podemos mudar em nossas aulas, em nosso currículo.

Ana Maria voltou para casa toda alegre porque o professor iria acatar as idéias de todos para montar o currículo e suas aulas. Colocou em um papel as idéias. Ao chegar no outro dia à Universidade, toda animada, entregou o papel com as ditas idéias. No outro dia o professor, ao chegar à sala de aula não perguntou sobre o que mandou fazer em casa.

- Boa tarde, hoje vamos começar a ver o assunto que já é para o nosso teste;

Um aluno pergunta:

- professor, e o que o senhor mandou fazer em casa, não vai querer agora?

- coloquem aqui em cima da mesa.

- o senhor não vai discutir sobre o que a gente fez?

- depois, agora não tenho tempo, vamos começar logo o assunto, não tenho tempo a perder.

Aí começou a decepção de Ana Maria, porque viu que não estava interessado em mudar nada, porque dava muito trabalho e achava aquele currículo muito bom.

OBS: Será que nós que tivemos uma educação onde não podíamos falar e muito menos perguntar alguma coisa, podemos dar aos nossos alunos uma educação muito diferente da que tivemos?

Acho que mesmo que queiramos, não podemos, porque já exercemos uma prática profissional e os profissionais mais velhos acham que essa teoria humanista é papo de quem só quer enrolar, porque criança tem que obedecer e não ser ouvida, então nós sabemos que é inútil querer questionar, eles não o admitem e pronto. Aula de educação física tem que ser 1, 2, 3, 4, ou seja, comando, pura calistenia, todos aí arrumandinhos, uniformizados, todos iguais, obedecendo ao sinal (começar! 1, 2, 3, 4 cessar!) e o pior é que às vezes nem ele próprio sabe para que servem aqueles exercícios, muito menos as crianças, e não podem nem perguntar se não é um desacato. Agora eu pergunto: de que adianta nós não conscientizarmos nossos alunos? para que eles sejam mais alguns iguais a nós, que não questionamos quando não aceitamos algo? é bem melhor conscientizarmos nossos alunos, quem sabe futuros dirigentes de nosso país.

P.S: Esta seção foi inspirada na estória... "Jogos Internos", do companheiro Lino Castellani Filho, que inclusive motivou os alunos da disciplina Prática de Ensino e Recreação, para a criação de estórias que falavam da problemática da educação física.